

CLEONICE RAINHO, A SENHORA DAS LETRAS¹

Ana Flávia Araújo DIAS²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar a escritora, poetisa, contista e romancista Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro, autora do romance **Liberdade para as estrelas** (1988) e também o de analisar as personagens femininas compostas no romance enfocando na descentralização da autoria masculina e na valorização da representação da identidade feminina, além da resignificação do papel dessas mulheres no cotidiano vivido, que no caso é a Ditadura Militar. A história é protagonizada por Marina, uma jovem mulher que está de casamento marcado com um militante revolucionário e está no início de sua vida profissional em contexto de ditadura no Brasil. A trama ficcional é narrada por Berenice, mulher solteira, engajada, culta e experiente. Nesta direção importa identificar em que medida essas mulheres representam uma tradição – evidenciando a construção de estereótipos previamente associados ao feminino - e uma ruptura considerando a liberdade, o envolvimento político e a questão sexual. Cleonice Rainho é exemplo de escritora engajada, culta, politizada; uma mulher intelectual que viveu intensamente o período explicitado na obra. Importa ressaltar, neste artigo, o papel desempenhado por essa escritora que se pronuncia por meio da narradora Berenice: mulher, solteira, igualmente engajada, culta e experiente. É destacável, na obra, a dualidade da relação entre homem e mulher, seus distintos papéis e posicionamentos político-sociais inseridos em uma sociedade patriarcal. Para essa análise estão sendo utilizados os teóricos Maurice Halbwachs, Le Goff, Philippe Ariès, Maria Zilda Ferreira Cury, Wanderley Luiz de Oliveira, Michael Pollak, e Renato Janine Ribeiro.

Palavras-chave: Cleonice Rainho. Contexto de Exceção. Feminino

ABSTRACT

The aims of this article is to present a writer, poetess, storyteller and novelist named Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro, who is the author of the novel **Liberdade para as estrelas** (1988) and also analyse the female characters described at this novel focusing on the decentralization of male authorship in order to value the female identity, in addition change the meaning of these women's roles during their lives along the Military dictatorship. The story is starred by Marina, a young woman who was scheduled to marry a revolutionary militant and is at the beginning of her professional life, in the context of dictatorship in Brazil. The fictional story is told by Berenice, single, engaged, smart and experienced woman. It is important to identify the extent to which these women represent a tradition - showing the construction of previously associated stereotypes to the feminine - and also the disruption of what was considered freedom, political involvement and sexual issues. Cleonice Rainho is the example of an engaged, smarted writer, politicized; an intellectual woman who lived intensely the period explained at work. It is important to emphasize, in this article, the role played by this writer who speaks through the narrator Berenice: woman, single, equally engaged, smart and experienced. The novel highlights the dicotomy of the relationship between man and woman, their different roles and political positions and also the social groups present in a patriarchal society. For this analysis it has being used a group of theorists such as: Maurice Halbwachs, Le Goff, Philippe Ariès, Maria Zilda Ferreira Cury, Wanderley Luiz de Oliveira, Michael Pollak, and Renato Janine Ribeiro.

Keywords: Cleonice Rainho. Exception context. Feminine

¹ Esta reflexão é resultado de parte da pesquisa desenvolvida para a dissertação de Mestrado intitulada **Eu voltei para contar: um contexto de exceção na obra Liberdade para as estrelas, de Cleonice Rainho** no âmbito do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

² Mestra em Letras pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia). Professora da Escola Municipal Ilva Mello Reis. *E-mail:* anafliadas@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Ela é daquelas pessoas que gostam das coisas simples da vida, como assistir o vôo dos pássaros ou o prazer de estar em contato com a natureza. Inteligência e rara sensibilidade exornam-lhe a personalidade.

Wanderley Luiz de Oliveira

Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro foi uma importante escritora da contemporaneidade, residente na cidade de Juiz de Fora, mas oriunda do pequeno distrito de Angustura na cidade de Além Paraíba, ambos no estado de Minas Gerais. Nascida em 15 de março de 1915, Rainho teve outros dez irmãos naturais de cidades como Carangola, Patrocínio e Juiz de Fora, localidades onde a família morou. Foi casada com Jacy Thomaz Ribeiro com quem teve dois filhos, Luiz Flávio e Fernando Antônio. Cleonice foi professora primária, secundária e universitária, diretora escolar, presidente da Associação Cultural Luso-Brasileira, Membro do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais e outras funções relacionadas à cultura e à educação na cidade.

Mulher, profissional e atuante na vida cultural da cidade, após uma intensa e produtiva trajetória literária, faleceu em 22 de maio de 2012 aos 97 anos de idade deixando um legado na literatura e na cultura juizforana. Segundo um encarte elaborado por ocasião do seu centenário, **Cleonice Rainho Centenário de nascimento** (edição comemorativa) 1915 - 2015, o autor Wanderley Luiz de Oliveira, biógrafo da escritora, declara que após o seu falecimento a escritora teve seu nome atribuído a uma rua do bairro Aeroporto na cidade de Juiz de Fora e a uma creche municipal no Centro Educacional do bairro Jardim Cachoeira no mesmo município. Ainda segundo o pesquisador, essa “desenvolve o mais nobre ofício, o da educação, ao qual Cleonice Rainho dedicou vários anos de sua vida” (OLIVEIRA, 2015, p.3).

A produção literária de Cleonice Rainho teve seu início, quando ela ainda era uma estudante do ensino secundário, mesma época em que fundou o jornal **A normalista**, periódico da Escola Normal de Juiz de Fora – “em que as alunas testemunhavam seu progresso, quer para o bem do próprio estabelecimento, quer para tornar a sociedade ciente do que lá se realizava” (OLIVEIRA, 2010, p.36). Depois desse primeiro contato outras oportunidades foram se sucedendo e ela escreveu para jornais como a **Gazeta Comercial, Diário Mercantil, O lince nas**

letras, Folha Mineira, O jornal (Rio), Tribuna de Minas e revistas como **Marília e Alterosa**.

A escrita de Rainho não se restringiu apenas aos jornais, mas foi atuante também na publicação de vários livros dos seguintes gêneros: contos, crônicas, trovas, poesias, ficção infantil e romances. Acerca dessas obras, seu próprio filho, Luiz Flávio, no encarte que comemora seu centenário, afirma: “antologias acolhem seus trabalhos, muitos dos quais já se tornaram objetos de estudos em centros de ensino superior, iniciativa também possibilitada pela preservação de seu acervo (...)” (RIBEIRO apud OLIVEIRA, 2015, p, 3). Ainda em vida, mas muito adoentada, Rainho e a família doaram seu acervo pessoal, com manuscritos, datiloscritos, correspondências, livros e outros materiais, para o Museu de Arte Murilo Mendes, MAMM, que se encontra na cidade de Juiz de Fora.

Segundo Wanderley de Oliveira, a escritora dirigiu nos anos de 1950 uma coluna direcionada ao público feminino intitulada *Bom dia, amiga!*, para a qual assinava com o pseudônimo de Iracema. Com uma linguagem bem intimista, a colunista se dirigia à leitora dando boas-vindas ao dia que surgia e fazia reflexões sobre as oportunidades e as vivências que a aurora lhe permitisse. Segue um pequeno fragmento exemplificativo da produção desta coluna:

Sua imagem, sua lembrança, seu lar me deram a certeza de que a beleza e a poesia a vida estão em nossas mãos femininas. Estou contente, amiga, tenho o coração de novo cheio de esperanças e de alegrias que aqui reparto com você, nesta cordial saudação: BOM DIA, AMIGA! E você repetirá Bom Dia, Iracema! (OLIVEIRA, 2010, p.129, grifo da autora).

A vida de escritora mineira foi biografada pelo amigo Wanderley Luiz de Oliveira na obra **Cleonice Rainho a busca e o encontro - uma biografia** (2010) em que ele desenvolveu uma pesquisa minuciosa sobre a trajetória profissional e pessoal de Rainho. O biógrafo consultou os manuscritos que ela guardava em sua casa (e que em 2010 foram doados ao Museu de Arte Murilo Mendes – MAMM – em Juiz de Fora, como já fora dito) além de ter entrevistado familiares (a citar o irmão Romeu Rainho) e a própria escritora, registrando as contribuições oferecidas por ela mesma.

Sobre a escritora, Mauro Morais, repórter do Jornal Tribuna de Minas realizou uma entrevista com Wanderley de Oliveira. Tal entrevista faz parte do mesmo encarte que homenageia o centenário de Rainho. Oliveira afirma a respeito dela:

Ela escreveu de tudo. Só não fez teatro por falta de tempo. Ela não tinha vida social. Foi professora durante muito tempo, e sua produção literária era noturna. Cleonice costumava enviar exemplares de seus livros para seus pares e mantinha correspondências com importantes nomes das artes brasileira (MORAIS apud OLIVEIRA, 2015, p. 34).

Por exercer com excelência inúmeras funções, recebeu uma grande quantidade de medalhas, honrarias, titulações e homenagens. Em 09 de maio de 1997, recebeu o título de Professora Emérita da Universidade Federal de Juiz de Fora e no discurso proferido por Rainho e registrado na obra de Wanderley de Oliveira, fica clara sua grande relação com a educação, com a cultura e principalmente com as literaturas locais, nacionais e internacionais.

Recebemos a honrosa titulação da Universidade, considerando-a um tributo ao cumprimento de nosso dever. Dever cumprido nos faz bem, tranquiliza-nos, traz-nos paz interior, verdadeiro tesouro do ser humano. Compraz-nos verificar, ao longo da jornada magisterial, não só nesta casa como no Instituto Estadual de Educação e nos inúmeros cursos de aperfeiçoamento de professores em que lecionamos no Brasil em fora, que o cumprimento do dever foi nosso escopo primeiro, o objetivo máximo. Ser fiel ao dever, ser zelosa do dever preocupou-nos sempre. Tanto que, ao pensarmos nestas palavras de agradecimento, a idéia inicial foi a de fazer o elogio do dever em todo o seu fundamento, desejo que o fundamento frustrou (RAINHO apud OLIVEIRA, 2010, p. 377).

Além das obras publicadas, da escrita em períodos, Cleonice Rainho mantinha correspondências com nomes exponenciais da cultura nacional como por exemplo Carlos Drummond de Andrade. Essa relação rendeu a ela uma bela descrição feita pelo amigo na quarta capa do seu segundo romance, intitulado, **Liberdade para as estrelas** (1988): “Sua prosa encanta pela fluência e poder de expressão, a serviço de uma ótica sensível e perspicaz da vida” (DRUMMOND apud RAINHO, 1988. Não paginado).

Como grande incentivadora da disseminação da literatura, a escritora oportunizava saraus e encontros literários em sua residência onde reuniu vários nomes da cultura juizforana. Esses eventos foram registrados pelo poeta Vitório Smanio na biografia da autora.

Em recente reunião da Associação de Cultura Luso-brailleira na plausível residência de sua fundadora e presidente de honra, a beletista Cleonice Rainho, solenemente homenageada pela Academia Brasileira de Letras, tivemos a oportunidade de presenciar mais uma tertúlia promovida por um grupo de damas de nossa sociedade. Sob a presidência da anfitriã assistimos às mais empolgantes apresentações poéticas de uma elite academicista. Uma das festejadas declamadoras do país, Carmem Sylvia Bastos Barbosa, muito nos sensibilizou com sua arte declamatória. Entre tantas manifestações destacamos ainda a escritora e poetiza Creusa Cavalcanti França, fundadora e presidente do Centro de Estudos Literários, apresentando poemas de sua lavra, com muita eloquência. Além da trovadora muitas vezes premiada, Therezinha de Jesus Lopes, houve todavia manifestações diversas de poetisas das mais variadas entidades literárias da nossa cidade.

Observamos, como visitantes, os jornalistas Jefferson Leão de Almeida, Edward de Souza Santos, Iverson Bisaggio, José Ribeiro do Valle, presidente de honra da Casa do poeta Belmiro Braga, de Juiz de Fora, além do radialista Romeu Rainho, o poeta da voz que produz e apresenta nas noites de domingo o romântico programa da Rádio Juiz de Fora, “Recordar é Viver”, com uma das maiores audiências da radiodifusão de toda a região. Como participantes, devemos citar, ainda, as presenças simpáticas das professoras e escritoras Dra. Dyle Campello da Conceição e Marta Gonçalves, cujas presenças abrilhantavam o evento (OLIVEIRA, 2010, p. 385).

Essa influência e desenvoltura entre grandes nomes da cultura contemporânea advieram da bagagem adquirida ao longo de sua vida. Segundo Oliveira (2015), desde os tempos do colegial lia autores brasileiros e portugueses importantes dentro do panorama literário como Rachel de Queiroz, Jorge Amado e José Saramago. Era uma mulher culta, engajada e viajada.

Foi por meio dessa influência que, mesmo estando numa cidade do interior de Minas, a escritora teve a oportunidade de ver seus livros romperem o circuito local e conseguirem ser publicados em editoras nacionais que projetaram seu nome e suas obras em âmbito nacional. Assim ela foi um exemplo de mulher que conquistou seu espaço na sociedade cultural de forma definitiva e assertiva. De acordo com as escritoras Constância Lima Duarte e Kelen Benfenatti Paiva o texto, **A mulher de letras**: nos rastros de uma história, justifica como se deu essa presença da mulher na escrita contemporânea:

A defesa da educação feminina presente no discurso de tantas escritoras se justifica, pois o acesso à educação de certa forma facilitaria a emergência da mulher no espaço público, bem como garantiria seu convívio social, sua participação “nas conversas”. Contudo, a resistência a uma educação multifacetada que dava possibilidades de inserção à mulher na vida pública e no mercado de trabalho é facilmente apreendida em diversas áreas do saber e em diferentes discursos (DUARTE; PAIVA, 2009, p. 12).

Ser uma pessoa exemplar que abraçou os estudos, que valorizou a cultura na forma dos livros e das viagens, garantiu à Cleonice Rainho essa emergência enquanto mulher no espaço público, participando dessas conversas relatadas por Duarte e Paiva na citação acima.

A escritora não se limitava a ser apenas uma profissional exemplar, era também esposa e mãe dedicada a dois filhos. Conciliava todas as funções domésticas juntamente à de esposa e mãe, assegurando, também, a afirmação de Duarte e Paiva que dizem:

Conquistado o direito de se educar e de educar outras, as mulheres precisavam ainda ultrapassar fronteiras que as limitavam a um universo mais restrito, aos alargamentos dos papéis de mãe dedicada e de boa esposa. A literatura foi uma forma encontrada por elas para ampliar sua participação na vida pública, primeiro por meio de um espaço semipúblico, os salões de poesia, saraus realizados nas residências de intelectuais e figuras da elite brasileira. Depois, pela participação em eventos do cenário cultural e literário e por sua crescente publicação em jornais e revistas especializadas (DUARTE; PAIVA, 2009, p. 13).

Foi esse o espaço encontrado pela senhora das letras que consolidou seu trabalho: o semipúblico. As escolas, as livrarias, as associações culturais eram os locais onde a escritora favorecia o encontro de pequenos grupos para concursos de poesias, saraus, leituras de poesias, tardes de autógrafos e assim solidificar a presença da literatura à maneira como falaram as estudiosas Duarte e Paiva.

Diante de uma mulher que teve tantas influências positivas, não é espantoso esperar opiniões tão claras e objetivas; sempre que tinha oportunidade, ela as exprimia. Numa dessas oportunidades, em entrevista registrada na biografia de Wanderley Luiz de Oliveira (2010), ela falou sobre o divórcio, pena de morte e eutanásia dentre outros assuntos. Foi enfática ao declarar seus posicionamentos. Porém é importante ressaltar que Rainho é uma mulher nascida do início do século XX e que nessa época esses conceitos foram tratados de maneira diferente do que atualmente são tratados. Hoje o divórcio é muito comum na sociedade; a pena de morte e a eutanásia são aceitos em alguns países. Vale ainda ressaltar que a opinião declarada publicamente por uma mulher não era comum. Mas Cleonice Rainho o faz com propriedade. Segue o que diz a respeito do divórcio, pena de morte e eutanásia:

Sou contra o divórcio em qualquer parte, pois defendo a indissolubilidade do vínculo conjugal. Considero o matrimônio, sacramento, instituição divina e o divórcio fator dissolvente da constituição da família, um desastre na educação da prole e mesmo em boa dose responsável pelo aumento da “criminalidade infantil” nas modernas sociedades que o aceitam. Sou contra o divórcio ainda em defesa da criança, cujo 1º direito deve ser o de ter pai e mãe; e ser criada no lar comum, recebendo a influência de ambos é indispensável à sua educação. Sou contra, também (pena de morte). A vida que Deus nos dá só Ele tem direito a tirar. E só Ele sabe as circunstâncias e o momento exato em que deve fazer. Sou contra toda e qualquer morte provocada pela mão humana, inclusive a chamada “morte suave” ou “sem sofrimento”. (OLIVEIRA, 2010, p. 387).

Tais afirmações permitem observar um certo conservadorismo na personalidade da pessoa de Cleonice Rainho. Porém não é possível ver esse mesmo conservadorismo em seus textos, especialmente na obra **Liberdade para as estrelas** (1988). Isso ficará mais explícito quando for abordada a questão das personagens da tia Lúcia e tio Álvaro, Marina, Berenice e outras do mesmo romance e que serão tratados mais à frente neste texto.

É possível perceber, como em vários outros escritores, que ela imprimiu em suas obras algumas características próprias da sua escrita como a linguagem clara e objetiva, e que em cada obra publicada levava consigo suas marcas de exclusividade autoral. Podemos citar, como exemplo, a literatura infantil produzida pela autora. Esse foi dos gêneros o que ela priorizou em sua carreira. Além de gostar desta seara literária, Rainho contribuía para a formação de crianças.

Ao escrever as ficções infantis ela apresentou uma narrativa, objetiva que permitiu à criança embrenhar no universo imaginário. Para isso utiliza uma linguagem simples e acessível. Essa análise foi feita a partir da leitura de quase 30% dos livros de ficção infantil da autora. Sobre escrever para crianças ela mesmo relata e Oliveira descreve no trecho a seguir:

Eu, particularmente, acho que o livro infantil não deve chocar a criança. Com isso não quero dizer que seja puritana, mas acho que tudo tem o seu tempo e lugar. Meu objetivo é fazer a criança alegre e feliz. As tristezas ela terá de as enfrentar depois. As crianças devem procurar ler mais, pois, desta forma, estão obtendo cultura e conhecimentos sobre a vida, além de adquirir o hábito da leitura – diz-nos, ainda, Cleonice (RAINHO, apud OLIVEIRA, 2010, p.325).

Se na literatura infantil é dessa forma, na poesia uma outra escritora se apresenta. Os poemas traduzem o momento da escritora. Ela deixa exalar na poesia o que sentia. Ela escreveu sobre amor, patriotismo, democracia e fé.

Com a mesma linguagem (clara e objetiva), mas agora com uma temática mais cotidiana, ela versa, por exemplo, sobre o seu próprio aniversário:

Poema de aniversário

“SENHOR eu sei

Que nem sempre minha pele será lisa

E os meus cabelos terão a mesma cor” (RAINHO apud OLIVEIRA, 2010, p. 120).

Ou sobre o verão carioca:

Verão Carioca

“Escaldante baforada sobe das calçadas.

Ao menor atrito os trilhos largam fogo (RAINHO apud OLIVEIRA, 2010, p. 100).

Depois da leitura dos contos **João Mineral** (1983) publicada pela Editora José Olympo e de **Parabéns a você** (1982) pela Editora Lemi, foi possível identificar que no primeiro livro a escritora relata a vida rural, no interior de Minas; seu linguajar caipira, coloquial, é marca das personagens. Já no segundo, a escritora constrói uma narrativa de viagem pelo Brasil mostrando os aspectos da vida brasileira presentes nos diferentes tipos de regiões. Segundo Oliveira (2010), ela utiliza uma linguagem simples e coloquial própria para favorecer a leitura aos recém-alfabetizados. E assim ela vai ajustando cada produção ao perfil do leitor que deseja atingir.

É possível dizer diante desses exemplos, que Cleonice Rainho é uma escritora multifacetada, pois a cada gênero literário que escreve ela diversifica e imprime uma marca própria que é apresentada ao leitor. Além de deixar suas influências pessoais marcarem sua escrita.

1 A OBRA LIBERDADE PARA AS ESTRELAS

Três famílias se descompuseram, enquanto este livro sofredamente se compunha.[...] Rebusquei trechos de diários, cadernos de anotações, folhas

e opúsculos ditos “subversivos”, recortes, velhos jornais e revistas.
Cleonice Rainho

Da vasta obra da escritora Cleonice Rainho, o romance **Liberdade para as estrelas** publicado em 1988 merece especial importância. Uma narrativa ambientada nos tempos da ditadura militar brasileira, contada em *flashback* pela narradora Berenice sobre a vida de sua prima é uma obra bastante interessante. Nas palavras do autor do prefácio da referida obra, Nelson Werneck Sodré “trata-se de uma narrativa assentada no cotidiano, vivida por seres comuns, com seus pequenos e grandes problemas, alguns dramáticos outros triviais” (SODRÉ apud RAINHO, 1988, p.7).

A trama ficcional narra a história de Marina, uma jovem que sai de Campinas e chega ao Rio de Janeiro depois que, de fato, seu pai, deputado influente, é cassado pelos militares depois do golpe. Marina vai morar com os tios e primos num confortável apartamento no Rio de Janeiro. Nessa cidade conhece Breno, que é amigo de seu primo Mário e ambos são militantes de esquerda. O envolvimento de Marina e Breno se deu logo no primeiro encontro e não demorou a decidirem por namorar e a certeza pelo casamento também foi rápida. Durante o período do namoro e noivado, o rapaz ficou algumas vezes desaparecido por suspeitas de conversas cifradas em bares, pacotes com materiais proibidos, até mesmo por ter a barba sem fazer. Todas essas circunstâncias traziam insegurança para a jovem Marina. Sempre que Breno se envolvia em questões policiais, quem solucionava os seus problemas era o tio da moça, Álvaro, Comandante da Marinha Brasileira. Tio Álvaro auxiliava moral e financeiramente a família de sua sobrinha Marina. Entre várias ocorrências policiais e sumiços do então noivo, o casamento deles ocorreu, numa cerimônia simples com a presença dos familiares e amigos mais próximos. Passados poucos dias do enlace matrimonial e, tendo os militares encontrado um pacote suspeito no apartamento de Breno, esse some definitivamente sem deixar pistas. Porém, sua esposa Marina encontrava-se grávida.

Todos esses acontecimentos foram relatados por Berenice, que embora nem sempre estivesse presencialmente com a prima de Marina, foi capaz de recompor na memória os fatos vivenciados por ela e pela família. Ela não presencia os fatos, mas é capaz de contar sobre eles.

O romance evoca, portanto, essa perspectiva memorialista, pois recupera fatos e acontecimentos vividos numa época anterior e lembrados pelas protagonistas num momento posterior. Esse distanciamento permite um olhar diferenciado sobre esses acontecimentos resgatando as raízes familiares. Renato Janine Ribeiro no texto, *Memória de si, ou...*, afirma:

O desejo de perpetuar-se, mas mais que isso, o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória. Lembre-se Aquiles: já os gregos pensavam na opção entre uma vida longa e pouco notável ou uma vida breve, porém seguida de glória imorredoura! O que os arquivos pessoais podem atestar, o que o desejo de guardar os próprios documentos (RIBEIRO, 1998, p. 35).

É o que Berenice fez ao recontar a história da prima Marina e da família de uma forma geral. Ela perpetuou para as gerações futuras, especialmente para o filho de Marina, Alex, os acontecimentos vividos naquela ocasião. O resgate da memória fez alimentar também o presente desses familiares, tecendo um elo com o passado dessas pessoas para o encadeamento do presente e a construção do futuro. Michael Pollak, no texto *Memória e identidade social*, chamaria de “*a priori*”, a memória, parece ser um fenômeno, um ser individual, algo relativamente íntimo próprio da pessoa (POLLAK, 1992, p.201). Mas contraditória e complementarmente a isso Halbwalcks explana acerca da memória coletiva e social no texto: *Memória individual e memória coletiva*, o quanto essas memórias coletivas ficam presentes na vida do grupo que as viveu e pouco diferem no momento em que são relatadas oralmente e isso torna a memória importante para esse grupo. É o que aconteceu com a família das personagens Marina e Berenice que vivenciaram os acontecimentos e foram revisitados em seu passado.

Para confirmar uma ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra. [...] Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a seqüência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas [...] (HALBWALCHS, 2003, p 31).

No romance **Liberdade para as estrelas** (1988), há um momento em que Berenice sintetiza os fatos vividos pela família. Esses acontecimentos não estão descritos cronologicamente, conforme aconteceram e pode ser exemplificado pelo trecho a seguir. Isso para demonstrar que mesmo distanciada da situação a protagonista é capaz de recuperar e encadear as memórias dos familiares:

Pensava na prima tão sofrida, a lua-de-mel abruptamente interrompida ou que nem mesmo existiu, a neurose do marido com os acontecimentos, a pingueira do quarto, o vizinho massacrador e vingativo, prevalecendo-se de sua posição militar. Ah! Já havia sofrido tanto e estava sofrendo e ainda por cima grávida. A mudança repentina, a casinha do bairro, Zina, a tartaruga – tudo baralhado em minha mente, afugentando o sono. Por mais que eu amasse crianças – chorei de emoção ao ombro de tia Lúcia, quando soube do nascimento do pequenino Jean – a gravidez de Marina preocupava-me sobremodo. Estava farta de saber dos traumas que a mãe pode transmitir ao bebê em gestação e ela estava traumatizada: além de tudo tivera que assumir a casa, o trabalho, a vida sozinha. Seria bom que continuasse ignorando o destino do marido? Fiz-me a pergunta, dormiu em minha mente ou na língua e, ao acordar, logo à mesa do café tinha-a pronta para passar aos tios (RAINHO, 1988, p. 235).

Cleonice se manifesta e se posiciona diferentemente das mulheres de seu tempo, muitas vezes indo além do que habitualmente elas faziam. Importa ressaltar, o papel desempenhado por essa escritora que se pronuncia por meio da narradora Berenice: mulher, solteira, igualmente engajada, culta e experiente. É destacável, nesta obra, a dualidade da relação entre homem e mulher, seus distintos papéis e posicionamentos político-sociais inseridos em uma sociedade patriarcal.

Este romance tem especial relevância também, pois, é uma obra de pouca visibilidade no panorama literário, mas de grande expressividade. E dessa maneira poucos pesquisadores, no campo acadêmico, se arriscaram a estudar a produção literária de Cleonice Rainho.

O enredo dessa obra instiga o leitor a procurar o contínuo das páginas e adentrar na vida das personagens, embrenhar no cotidiano delas e viver suas singularidades. O período ditatorial em que o país estava vivendo favorece a tensão no romance os conflitos militares, a censura imposta, a opressão constante, mas a escritora apresenta esses fatos de forma tênue, ou seja, diluindo nas passagens das circunstâncias vividas pelas personagens: a busca do emprego de Marina quando chega ao Rio, o surgimento do bebê de Honório no exílio em Paris (pai de Marina), o enoval de casamento e tantas outras passagens relatadas na ficção.

2 AS MULHERES NO ROMANCE

As personagens femininas têm um lugar especial dentro do romance. Primeiramente, quando o ocupam com destaque por serem as protagonistas dentro

de uma narrativa que se passa no período ditatorial e segundo, por apresentar personagens fortes e atuantes.

Um exemplo delas é Tia Lúcia, mãe da protagonista Marina, quando soube por seu irmão Álvaro que seu ex marido exilado na França teria um filho com a nova companheira francesa. Tia Lúcia foi compreensiva e até justificou a posição dele como sendo necessária.

Outro exemplo de personagens femininas são as filhas de tio Álvaro. Andréia e Sílvia foram criadas apenas pelo pai e são moças participativas e inseridas no contexto social. Não se revoltaram pela ausência da figura materna. Viveram como as demais meninas da idade delas, estudaram, se divertiram, namoraram, participaram da vida familiar, das questões políticas e etc.

Retomando o que pontuamos anteriormente Cleonice Rainho demonstra ser, por seus conceitos verbalizados em entrevista, uma mulher conservadora, muito própria do tradicionalismo vigente no início do século XX, porém suas personagens não demonstram a mesma característica. No caso de tia Lúcia ela não se divorcia do marido, mas aceita uma relação extraconjugal e ainda um filho desse relacionamento, justificando que o marido estivera voltando assim a viver “significa que ele volta à vida normal, reajusta-se a seu viver integral de homem” (RAINHO, 1988, p. 93). Quanto às filhas de tio Álvaro, elas são independentes e resolvidas, ambas têm como prioridade os estudos e não o casamento. Há no romance a descrição do envolvimento sexual de uma delas com um companheiro que não é namorado, nem noivo e com quem não tem pretensos de casamento; seu relacionamento tem como prioridade o prazer e não de procriação como seria o esperado para a época. “(...) enroscando-se os corpos como duas serpentes e pareceu-lhe estar num caldeirão fêrvido, escaldante” (RAINHO, 1988, p. 155).

Mesmo não se tratando de personagens femininas, outro exemplo de diferenciação entre a personalidade da escritora Rainho para a pessoa de Rainho é a questão da homossexualidade do personagem tio Álvaro. No romance há uma passagem em que há a sugestão de que a esposa o abandonou por essa razão.

Desde que a mulher partiu, foi ele mesmo quem me contou: passou por uma crise existencial séria, com influências nefastas em sua vida sexual. Teve seu período de sonhos e imaginações, povoando de mulheres belas e sensuais o plano da consciência. Eram devaneios sutis que aos poucos iam levando-o a fugas

constantes, impalpáveis, miragens, a realidade esvanecendo-se de tal modo que o fez vítima de um caso patológico.[...]
- E quem sabe já não foi essa a causa de Lia ter ido embora? (RAINHO, 1988, p.236)

Mas em contrapartida em outras áreas ela, enquanto pessoa, era um exemplo de mulher à frente de seu tempo. Importa citar um trecho de uma palestra proferida por ela na **Semana de estudos sobre orientação educacional** sob o título **A responsabilidade do orientador educacional e a formação de sua personalidade**.

Como educadora e mãe, é um prazer para nós colaborar diretamente nesta 1ª Semana de Estudos sobre Orientação Educacional, ora levada a efeito na cidade, pois bem percebemos o alcance e as repercussões que a nova mensagem há de encontrar no âmbito local e circunvizinho – nas escolas, nos lares e na sociedade. [...]

Não foi sem razão, pois, que o Ministério da Educação e Cultura, através da Portaria 105, de 12 de março de 1958, que cria e regulamenta o cargo de Orientador Educacional, põe sob a responsabilidade das Faculdades de Filosofia, estabelecimentos de cúpula na constituição das Universidades, e órgãos encarregados do preparo dos educadores, a formação de especialistas para a delicada tarefa da Orientação Educacional [...]

Além da maturidade exigem-se para a formação do Orientador outras qualidades como: a realização pessoal, na carreira e crença no trabalho que empreende; modéstia, senso de humildade equilibrada (uma Orientadora Educacional amiga diz, pitorescamente: não se pode ser astro, nem estrela, nem vedete, melhor mesmo é ser violeta); tranqüilidade, ser sereno para ouvir os desabafos do orientando; disponibilidade, estar sempre pronto, possuir empatia, mais que simpatia; desinteresse econômico na carreira que não é profissão, mas sacerdócio, não ter preferência, nem fazer distinções entre orientandos; ter virtudes cristãs ideais puros, sadios; saber começar sempre sem desânimos, desfalecimentos ter moral íntegra, dar exemplo, vivência de integridade moral (OLIVEIRA, 2010. p. 167).

CONCLUSÃO

Após embrenhar na leitura da biografia, das obras e de mergulhar no universo literário de Cleonice Rainho - pesquisa feita para a escrita da dissertação de mestrado defendida em 2019 - alguns pontos são relevantes para serem destacados.

Primeiramente, a vasta produção literária da autora permite ao leitor transitar por várias searas desejadas que vão desde a literatura infantil com textos originais, com sintaxes elaboradas, enredos completos, passando por contos de natureza caipira, que relatam viagens, falam sobre os problemas psicológicos vividos no dia a

dia. Neles a linguagem varia de acordo com o contexto. Já nas poesias Rainho deixa exprimir sua alma através das palavras e usa o cotidiano como tema sua escrita. E os dois romances têm temáticas bem diferenciadas o primeiro narra o drama da família que perde um ente querido e no outro as questões vivenciadas no período ditatorial brasileiro. Toda essa análise foi permitida pela leitura dessas obras por parte da pesquisadora.

Posteriormente é preciso analisar a escritora Cleonice diferentemente da cidadã Cleonice. Como cidadã ela é contrária ao divórcio, à pena de morte e à eutanásia. Eles demonstram a faceta de uma mulher conservadora, porém a linguagem textual não carrega essas ideologias e ela apresenta personagens e discursos que não são os seus próprios conceitos. Isso só reafirma a grande pluralidade que ela demonstra como autora. Será que essa escritora realmente seria conservadora? Mas suas personagens têm outros posicionamentos, que demonstram vanguarda. O que a levaria construir um personagem homossexual no fim da ditadura? Qual o papel da personagem Tia Lúcia, uma mulher que aceita o filho do marido não divorciado, no panorama do enredo? Essas questões são importantes para a reflexão dessa intelectual que tanto foi importante para o panorama cultural da cidade de Juiz de Fora e que está sob pesquisa para buscar esses esclarecimentos.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. *Ipotesi- Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora: UFJF, v. 13, n.2, p.11-19, jul./dez. 2009.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. p. 29-70.

MORAIS, Mauro. Os livros existem e resistem. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora. 12/03/2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAINHO. **Liberdade para as estrelas**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou CARMARGO, Ana Maria et al. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.11, n.21, 1998, p. 35 – 42.

OLIVEIRA, Wanderley Luiz de. **Cleonice Rainho a busca e o encontro**: uma biografia. Juiz de Fora: Funalfa, 2010.

_____. **Cleonice Rainho Centenário de nascimento** (Edição de comemoração) 1915 -2015. Juiz de Fora: Associação Cultural Luso-Brasileira, 2015.